Revista de Educação do Vale do São Francisco
ISSN 2177-8183

REZAS, LAGOAS E UNIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: O PAPEL DO PROJETO PET ESCOLA NA PROMOÇÃO DA CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL E ANCESTRAL

PRAYERS, LAGOONS, AND UNIVERSITY IN RURAL EDUCATION: THE ROLE OF THE PET ESCOLA PROJECT IN PROMOTING ENVIRONMENTAL AND ANCESTRAL AWARENESS

REZOS, LAGUNAS Y UNIVERSIDAD EN LA EDUCACIÓN DEL CAMPO: EL PAPEL DEL PROYECTO PET ESCOLA EN LA PROMOCIÓN DE LA CONCIENTIZACIÓN AMBIENTAL Y ANCESTRAL

Keila Soares Barbosa
klmbarbbosa@gmail.com
Filósofa graduada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial PET Educação e Sustentabilidade do Centro de Formação de Professores da UFRB

Daniele Santos Rios de Sousa
danielerios39@gmail.com
Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial PET Educação e Sustentabilidade do Centro de Formação de Professores da UFRB, Monitora de Pedagogia na Prefeitura Municipal de Amargosa, Bahia

Alice Costa Macedo
alicemacedo@ufrb.edu.br
Psicóloga, mestra e doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), tutora do Programa de Educação Tutorial PET Educação e Sustentabilidade do Centro de Formação de Professores da UFRB

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência no Programa de Educação Tutorial Educação e Sustentabilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com foco no Projeto Pet Escola, que busca uma aproximação entre a universidade e a escola básica para fortalecer a formação inicial docente. O objetivo é entender de que modo iniciativas podem contribuir para promover experiências educacionais sobre sustentabilidade, memórias ambientais e ancestrais dos estudantes. Busca-se compreender também a realidade vivida das crianças do Recôncavo, que foi afetada

no passado pela insustentabilidade causada pelas ações humanas, a exemplo de como o desequilíbrio no clima repercute num excesso de chuvas que inundaram territórios no Vale do Jiquiriçá. Para tanto, realizou-se um estudo qualitativo baseado no relato de experiência, passando assim por uma revisão bibliográfica inicial, seguida de uma pesquisa-ação com a participação de discentes de uma escola pública do campo, na comunidade de Três Lagoas, em Amargosa – Bahia. A revisão bibliográfica apresentou um breve conceito de sustentabilidade e a valorização dos saberes ancestrais para plena harmonia com a natureza, a necessidade de uma educação ambiental contracolonial e uma descolonização curricular, por meio de um diálogo protagonizado pelos saberes ancestrais. Os resultados mostraram significativa conscientização ambiental e exaltação de saberes tradicionais na comunidade pesquisada, estimuladas por diálogos formativos e pela prática educativa. Concluiu-se que o Pet Escola é um forte agente para integrar teoria e prática, aproximar a universidade das escolas públicas e incentivar uma visão crítica de sustentabilidade, incorporando saberes populares para uma educação ambiental contextualizada, participativa e transformadora.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Educação ambiental. Ancestralidade.

ABSTRACT

This study presents an experience report from the Tutorial Education Program (PET) Education and Sustainability at the Federal University of Recôncavo da Bahia, focusing on the Pet Escola Project, which seeks to strengthen initial teacher education by fostering closer ties between the university and basic education. The aim of this study is to understand how initiatives such as this one can contribute to promoting educational experiences related to sustainability, environmental memories, and students' ancestral knowledge. It also seeks to understand the lived realities of children in the Recôncavo region, what in the past was affected by the unsustainability caused by human actions, such as climate imbalance resulting in excessive rainfall that flooded territories in the Jiquiriçá Valley. To this end, a qualitative study was conducted based on the PET team's experience report, which involved an initial literature review followed by an action-research process with the participation of students from a rural public school in the community of Três Lagoas, in Amargosa, Bahia. The bibliographic review revealed a debate on the agents responsible for unsustainability; presented a brief conceptualization of sustainability and the value of ancestral knowledge for achieving harmony with nature; and argued for the need for counter-colonial environmental education, curricular decolonization, and a dialogue centered on ancestral knowledge alongside teaching and learning processes. The results showed significant environmental awareness and appreciation of traditional knowledge in the studied community, stimulated by formative dialogues and educational practices—particularly through the construction of a model and the participation of a community leader, which helped consolidate the topics discussed. Finally, the study concludes that Pet Escola is a strong agent for integrating theory and practice, bringing the

university closer to public schools, and fostering a critical perspective on sustainability by incorporating local knowledge into an environmental education that is contextualized, participatory, and transformative.

Keywords: Sustainability. Environmental education. Ancestrality.

RESUMEN

Este trabajo presenta un relato de experiencia en el Programa de Educación Tutorial (PET) Educación y Sostenibilidad de la Universidad Federal del Recóncavo de Bahía, con énfasis en el Proyecto Pet Escola, que busca acercar la universidad a la escuela básica para fortalecer la formación inicial de docentes. El objetivo de este estudio es comprender de qué manera iniciativas como esta pueden contribuir a promover experiencias educativas sobre sostenibilidad, memorias ambientales y conocimientos ancestrales de los estudiantes. También se busca comprender la realidad vivida por los niños del Recóncavo, afectados en el pasado por la insostenibilidad causada por acciones humanas, como el desequilibrio climático que resultó en un exceso de lluvias que inundaron territorios en el Valle del Jiquiriçá. Para ello, se realizó un estudio cualitativo basado en el relato de experiencia del equipo del PET, que incluyó una revisión bibliográfica inicial seguida de una investigación-acción con la participación de estudiantes de una escuela pública rural en la comunidad de Três Lagoas, en Amargosa, Bahía. La revisión bibliográfica reveló un debate sobre los agentes causantes de la insostenibilidad; presentó un breve concepto de sostenibilidad y la valorización de los saberes ancestrales para lograr una plena armonía con la naturaleza; y argumentó sobre la necesidad de una educación ambiental contracolonial, una descolonización curricular y un diálogo protagonizado por los saberes ancestrales junto con los procesos de enseñanza y aprendizaje. Los resultados mostraron una significativa concientización ambiental y una exaltación de los saberes tradicionales en la comunidad estudiada, estimuladas por diálogos formativos y prácticas educativas, especialmente mediante la construcción de una maqueta y la participación de una líder comunitaria, lo que consolidó los contenidos discutidos. Finalmente, se concluyó que el Pet Escola es un agente fundamental para integrar teoría y práctica, aproximar la universidad a las escuelas públicas e incentivar una visión crítica de la sostenibilidad, incorporando saberes populares para una educación ambiental contextualizada, participativa y transformadora.

Palabras clave: Sostenibilidad. Educación ambiental. Ancestralidad.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva apresentar as vivências acadêmicas no Programa de Educação Tutorial (PET) Educação e Sustentabilidade no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP-UFRB). Este tem possibilitado experiências para além dos muros da universidade, cumprindo seu papel de integração entre ensino, pesquisa e extensão. O Projeto Pet Escola, por exemplo,

propõe fazer o movimento de *práxis* e estreitamento dos laços entre a universidade e a escola básica, uma interação necessária para a formação inicial docente.

Nesse contexto, o objetivo do estudo é entender de que modo iniciativas como esta podem contribuir para promover experiências educacionais sobre sustentabilidade, memórias ambientais e ancestrais dos estudantes. A proposta não é somente compreender a questão da sustentabilidade, mas também perscrutar a realidade vivida das crianças do Recôncavo, afetado no passado pela insustentabilidade causada pelas ações humanas e o desequilíbrio no clima, repercutindo num excesso de chuvas que inundaram diversos territórios no Vale do Jiquiriçá, onde se situa a comunidade rural de Três Lagoas, no município de Amargosa – Bahia.

Num primeiro momento dos resultados, discutiu-se um breve conceito de sustentabilidade e a correlação com a valorização dos saberes ancestrais para plena harmonia com a natureza. Subsequentemente, argumentou-se sobre a necessidade de uma educação ambiental decolonial/contracolonial que valorizasse os saberes ancestrais, concomitantemente aos processos de ensino-aprendizagem. Desta maneira, firma-se, posteriormente, a epistemologia ambiental decolonial/contracolonial na descolonização curricular, destacando a importância do diálogo entre epistemologias diversas.

A decolonialidade e a contracolonialidade são debatidas no presente trabalho a partir das perspectivas dos seguintes autores: Enrique Leff (2001); Ailton Krenak (2020), Daniel Munduruku (2012); Nêgo Bispo (2023); Moacir Gadotti (2008) e Carlos Brandão (2007). As obras deles propõem um movimento de problematização das lógicas coloniais que ainda estruturam o conhecimento ocidental, a educação e a relação com a natureza, cada um com seu enfoque, respectivamente: o questionamento à racionalidade econômica moderna e a necessidade de uma nova racionalidade ambiental com sabres locais; a defesa das cosmologias indígenas e a crítica à ideia do progresso ocidental destrutivo; a contracolonialidade como prática

de resistência ativa dos povos tradicionais e, por fim, uma educação voltada à sustentabilidade crítica e à cidadania planetária.

Com base nesse debate, busca-se demonstrar a imprescindibilidade da conscientização sobre as questões ambientais e sustentabilidade na perspectiva ancestral, a partir do relato de experiência na comunidade de Três Lagoas, em Amargosa, com os estudantes da rede pública de educação básica no Recôncavo Baiano. Portanto, faz-se necessário haver um aprofundamento da temática no decorrer do ano letivo, para evitar uma negligência sobre um tema tão relevante para a sociedade, a fim de alcançar a transformação efetiva no modo de percepção do mundo.

Para tanto, o estudo corresponde a uma pesquisa qualitativa, o que nos permite uma compreensão efetiva dos processos institucionais, culturais e escolares. Em consonância e de acordo com Prodanov e Freitas (2013), esse perfil metodológico revela o vínculo dinâmico que existe entre o mundo real e o sujeito, isto é, uma relação indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade, que não pode ser traduzida em números. Portanto, busca-se a interpretação dos fenômenos, a atribuição de significados e sua compreensão em um determinado intervalo de tempo e em um contexto específico, já que se trata de uma pesquisa qualitativa de perfil exploratório e corte transversal.

Vale dizer que o Projeto PET Escola foi desenvolvido por três bolsistas do PET Educação e Sustentabilidade (Bolsa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, FNDE, do Ministério da Educação, MEC, para o Programa de Educação Tutorial, PET), e sua tutora, em conjunto com o engenheiro ambiental da Secretaria de Meio Ambiente e Agricultura de Amargosa – BA, na comunidade campesina de perfil quilombola, em Três Lagoas. Logo, a oficina realizada ocorreu na instituição pública dedicada à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental - Escola Municipal do Campo Dr. Armando da Silva Libório.

Para avanços na conscientização ambiental que propomos, o método empregado foi a pesquisa-ação, que considerou o ambiente social, cultural e

econômico dos envolvidos, também utilizada por professores para aprimorar o ensino e o aprendizado dos estudantes (Tripp, 2005), pois, segundo Silva e Freitas (2023):

> A pesquisa-ação é um método de pesquisa científica que se caracteriza por estar associada a ações coletivas com grupos oprimidos e em situação de vulnerabilidade e tem por objetivo [...] a resolução de problemas que impactam a realidade desses grupos e, por outro, a transformação social e a emancipação de oprimidas e oprimidos (Silva; Freitas, 2023, p.11).

Desse modo, a ação ocorreu em quatro etapas: a) diálogo com protagonistas populares importantes da comunidade para conexão com a ancestralidade e com o cuidado com a terra (oito visitas a campo realizadas pela tutora ao longo do ano de 2025); b) articulação acadêmica com a gestão ambiental do município (viabilizada pela presença dos bolsistas do PET em quatro reuniões do Conselho de Meio Ambiente da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Agricultura de Amargosa, BA); c) organização junto à direção da escola e professores para o planejamento da atividade (mediações realizadas pela tutora presencialmente, em campo, e por chamadas e mensagens via *Whatsapp*). A última etapa consistiu na ação propriamente dita, através de uma oficina com o intuito de representar os conhecimentos adquiridos dos estudantes do Ensino Fundamental da Escola Dr. Armando Libório, por meio de diálogos, exposições interativas e elaboração de uma maquete.

Por isso, estreitou-se a relação com a gestão ambiental da cidade de Amargosa com o intuito de reforçar os laços com a escola e com representantes da comunidade, como Dona Santa, uma rezadeira respeitada, não só em sua comunidade, mas também nos territórios adjacentes. Para valorizar os saberes populares locais, a agroecologia, agrofloresta e a preservação do meio ambiente, apresentou-se aos estudantes uma forma de vida mais sustentável, a partir de um rico bate-papo com a líder comunitária e espiritual.

SABERES ANCESTRAIS E SUSTENTABILIDADE

A ideia da sustentabilidade, segundo Dalla Libera, Calgaro e Rocha (2020), surge como um limite estabelecido no processo civilizatório da humanidade. Em concordância, Carvalho (2019) entende que a sustentabilidade ambiental tem como princípio a preservação dos ecossistemas e a minimização da degradação cometida por ações antrópicas. Nessa perspectiva, nota-se a necessidade do pensar sustentável de modo a compreender como a ação humana, aos moldes do capitalismo e da produção exacerbada, ameaça a vida na Terra.

Para isso, é imperiosa a ruptura do mito da sustentabilidade formada pelos agentes do capital, com intuito de domesticar a mentalidade na perspectiva de silenciar e de treinar o olhar para acreditarmos que suas ações são sustentáveis. Compreender que a Terra é um organismo e que fazemos parte dela desconstrói o imaginário coletivo de que os recursos são apenas para serem explorados, não considerando sua finitude.

Ademais, Krenak (2022) defende em seu livro **Futuro Ancestral** a necessidade de reflorestar o imaginário. É relevante ressaltar que a ideia não se contrapõe à urbanização, afinal a “selva” pode coexistir com o urbano sem que, necessariamente, um precise ser destruído para que o outro ascenda. Os saberes ancestrais dos povos originários e tradicionais são indispensáveis para se forjar um modelo de relação humana em plena harmonia com a natureza. Nesse sentido, a partir da ruptura com o modelo colonial que domestica o modo de perceber o mundo, a natureza e o planeta Terra, pode-se estabelecer caminhos para um futuro sustentável. Pois conforme Krenak (2022):

> Quem sabe a presença dos povos indígenas na construção do novo constitucionalismo da América Latina, a partir dos Andes, traga outras perspectivas sobre aquilo que nós chamamos de país e de nação? Porque os povos originários têm outras contribuições ao debate, tanto sobre a pólis quanto sobre as ideias de natureza, ecologia e cultura. Se formos capazes de nos abrir a toda essa riqueza, a atividade política será mais uma dimensão da existência, e não uma ocupação predatória (Krenak, 2022, p. 44).

Em suma, o autor propõe uma alternativa relevante tanto para a problemática da insustentabilidade quanto provoca a reflexão sobre os saberes dos povos originários para a construção de uma sociedade igualitária e de fato sustentável, uma vez que, ao propor a ideia de refundar o país, apresenta o viés de quem respeita e vive da terra, dos saberes da terra.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL DECOLONIAL/CONTRACOLONIAL: INTEGRANDO SABERES ANCESTRAIS À *PRÁXIS* PEDAGÓGICA

Na seção anterior, evidenciou-se a sabedoria ancestral como antítese à lógica produtivista do capital, ao discutir o conceito de sustentabilidade. Portanto, cabe agora discutir os caminhos pedagógicos para operacionalizar uma crítica e transformá-la em ação educativa concreta. A educação ambiental, tal como tradicionalmente concebida, não raro, também pode reproduzir uma perspectiva hegemônica, ocidentalizada e divorciada dos contextos locais, tornando-se, paradoxalmente, um instrumento de manutenção do *status quo*. Contra essa tendência, urge pensar uma educação ambiental decolonial ou, como bem apontou Nêgo Bispo (2023), uma educação contracolonial, que se constrói na valorização efetiva dos saberes tradicionais e os integra como pilares centrais do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Gadotti (2008) oferece uma contribuição decisiva ao propor a ecopedagogia como apropriada para a sustentabilidade. Para ele, trata-se de uma "pedagogia centrada na vida", que reconhece a Terra como um ser oprimido, demandando um modelo educacional próprio (Gadotti, 2008, p. 15). Essa perspectiva desloca o foco de uma educação instrumental para uma educação ética, crítica e planetária, que considera os modos de vida e as culturas como dimensões inseparáveis do ambiente.

Essa concepção encontra respaldo normativo na Política Nacional de Educação Ambiental (Lei n. 9.795/1999), que estabelece como princípio a "concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio

natural, o socioeconômico e o cultural", previsto no Artigo 4 (Brasil, 1999). A própria lei reforça, em seu Artigo 10, que a educação ambiental deve ser integrada em todos os níveis e modalidades de ensino, de forma contínua e permanente (Brasil, 1999). No entanto, a mera previsão legal é insuficiente se não vier acompanhada de um rompimento epistemológico que descentralize o saber acadêmico como único válido e abra espaço para os conhecimentos tradicionais.

Ao criticar a ideia de humanidade desvinculada do planeta, Krenak (2022) afirma que "somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante" (op.cit, 2022, p. 27). Sua denúncia não é apenas ecológica, mas ontológica: a modernidade ocidental criou uma separação entre o humano e a Terra que ameaça a continuidade da vida. Por isso, ele insiste que "temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver" (Krenak, 2022, p. 141), sugerindo que a educação ambiental deve ser entendida como prática de envolvimento ético-político com a comunidade da vida.

Assim, de acordo com Nêgo Bispo (2023), uma educação ambiental contracolonial só se torna possível quando o espaço escolar é convertido em território de encontro e diálogo entre saberes. A experiência do PET Escola, ao promover diálogos com rezadeiras como Dona Santa e valorizar práticas de agricultura local, exemplifica essa proposta. Nessa direção, Gadotti (2008) sustenta:

> [...] Consideramos hoje a Terra também como um oprimido, o maior de todos. Por isso, precisamos de uma pedagogia desse oprimido que é a Terra. Precisamos de uma Pedagogia da Terra como um grande capítulo da pedagogia do oprimido, precisamos de uma ecopedagogia. A ecopedagogia é uma pedagogia centrada na vida: considera as pessoas, as culturas, os modos de viver, o respeito à identidade e à diversidade [...] (Gadotti, 2008, p. 17).

Tal afirmação atualiza a herança freireana da pedagogia crítica para o campo da sustentabilidade, apontando que, sem uma práxis comprometida com a vida em sua diversidade, não há emancipação possível. Ao mesmo tempo, essa visão ressoa em Krenak (2020) e na Lei 9.795/1999 (Brasil, 1999), compondo uma tríade entre ancestralidade, pedagogia crítica e política pública.

Em síntese, a articulação entre a legislação brasileira, a ecopedagogia freireana desenvolvida por Gadotti (2008) e a cosmovisão de Krenak (2020; 2022) fundamentam a necessidade de uma educação ambiental contracolonial, como idealizou Nêgo Bispo (2023). Não se trata apenas de transmitir informações sobre ecologia, mas de instaurar uma práxis pedagógica que reconheça os saberes ancestrais como horizontes epistêmicos legítimos e indispensáveis para enfrentar as crises socioambientais contemporâneas.

EPISTEMOLOGIA AMBIENTAL E CRÍTICA DECOLONIAL/CONTRACOLONIAL

A epistemologia ambiental, tal como formulada por Leff (2001), constitui-se como um movimento de ruptura com o paradigma ocidental que reduz o conhecimento a categorias universalizantes, fragmentadas e utilitárias. Para Leff (2001, p. 134), o "saber ambiental" busca superar a racionalidade instrumental e abrir espaço para um diálogo entre ciência, cultura e ética, reconhecendo a diversidade dos modos de conhecer e de viver. Essa abordagem não se limita a integrar a dimensão ecológica ao pensamento social, mas propõe uma reorientação epistemológica, em que o saber ambiental se torna campo de resistência ao colonialismo epistêmico.

No contexto brasileiro, essa perspectiva articula-se com o que Carlos Rodrigues Brandão (2007) identifica como uma educação ambiental enraizada nos processos sociais e culturais. Segundo Brandão (2007, p. 24), a educação ambiental não pode ser reduzida a "informação sobre a natureza" ou a técnicas de preservação, mas deve ser compreendida como prática cultural e política que envolve valores, identidades e modos de vida. Essa visão amplia a compreensão de que a educação ambiental precisa assumir um caráter transformador, capaz de questionar as estruturas históricas de exclusão que sustentaram o colonialismo e que ainda se refletem nas políticas educacionais.

É nesse horizonte que se insere a Lei nº 11.645/2008 (Brasil, 2008), que determina a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura afro-brasileira e indígena

em todos os níveis da educação básica. O Artigo 26-A, §1º, da referida Lei, estabelece que o currículo deve incluir “o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional” (Brasil, 2008). Tal dispositivo legal constitui um marco na descolonização curricular, ao reconhecer que a memória e o conhecimento dos povos tradicionais são fundamentais para a construção de uma educação democrática e plural.

Nesse sentido, o pensamento de Munduruku (2012) sobre o caráter educativo do movimento indígena acrescenta uma dimensão essencial à crítica decolonial e contracolonial. Munduruku enfatiza que o movimento indígena brasileiro é “um instrumento legítimo na defesa dos direitos indígenas, estruturado em processo de autoformação e servindo também [...] para mudar o olhar da sociedade brasileira, e mesmo do Estado, sobre os povos indígenas” (Munduruku, 2012, p. 12). Essa dimensão educativa não se limita à formação interna das comunidades, mas visa ainda transformar a percepção da sociedade em geral, desafiando narrativas coloniais que desqualificam os povos originários.

Portanto, a integração entre o saber ambiental de Leff (2001), a concepção crítica de educação ambiental de Brandão (2007), a Legislação Brasileira e a pedagogia política de Munduruku (2012) evidenciam que uma epistemologia ambiental contracolonial não pode se restringir a um ajuste técnico nos currículos, visto que ela deve significar a abertura de espaços efetivos de diálogo entre epistemologias diversas, nas quais as ancestralidades africana e indígena, a crítica ao colonialismo e as práticas sociais de resistência se constituem como saberes e fazeres válidos e indispensáveis para enfrentar as crises socioambientais contemporâneas.

PET ESCOLA NAS TRÊS LAGOAS

As ações do PET Escola objetivam fomentar a troca de saberes sustentáveis entre estudantes universitários, crianças, escola e comunidade tradicional. As

atividades são desenvolvidas com a intenção de instigar a reflexão dos participantes sobre o ambiente onde moram e a identificação ancestral, cultural e geográfica do espaço de vivências, incluindo ruas, bairros e cidades adjacentes.

Utilizou-se o mapa de Amargosa como suporte para essa atividade. Nessa perspectiva, compreende-se o contexto do Recôncavo Baiano, ao introduzir discussões sobre acontecimentos como desastres naturais, a exemplo da enchente ocorrida no Vale do Jiquiriçá, onde se situa a comunidade de Três Lagoas. Assim, foram abordadas medidas de prevenção para tais desastres, com o apoio e a participação de um gestor ambiental do município e uma rezadeira muito respeitada na região.

A presença do representante da Secretaria de Meio Ambiente, vinculada à Prefeitura de Amargosa, revela uma articulação imprescindível entre Universidade Federal, Poder Público Municipal e Comunidades. É relevante pontuar, especificamente, a participação da rezadeira para a compreensão da prática pedagógica na perspectiva popular ancestral, pois compreende-se que o espaço escolar é convertido em território de encontro e diálogo entre saberes.

Dona Maria dos Santos Oliveira, a Dona Santa, é benzedeira, rezadeira, mestre da cultura popular, profunda conhecedora das ervas medicinais do território, cantora e compositora de samba de roda e uma líder comunitária em Três Lagoas, onde reside uma média de 160 famílias, a aproximadamente 8 km da sede do município, em um território rural. Segundo Rosa (2025), os ancestrais da população de Três Lagoas eram os indígenas cariris e beatingas, antigos habitantes do território.

De acordo com diálogo com Dona Santa, os antigos moradores foram absolutamente dizimados. Após o genocídio, aos poucos, o povoamento do território foi reiniciado por famílias procedentes de Santo Antônio de Jesus e Nazaré, no estado da Bahia, que ali se estabeleceram, desenvolvendo a agropecuária, sobretudo a criação de animais de pequeno porte, como porcos e galinhas, o cultivo do feijão, castanha, amendoim e a palha do licuri. Este último permite a produção artística de artesanatos vendidos na famosa feira do município, como vassouras, esteiras, abanos e chapéus (Rosa, 2025).

A escola onde foi realizado o projeto chama-se Dr. Armando da Silva Libório, que surgiu como resultado da luta por uma educação que atendesse os povos do campo (Rosa, 2025). Há todo um debate na comunidade e na Universidade Federal do município que exige a mudança do nome da instituição para Escola Municipal Dona Santa. Possui 54 estudantes, são 3 salas de aula, um refeitório, uma cozinha, uma sala da coordenação e um pátio, além dos banheiros para crianças e um para os funcionários. É uma escola com arquitetura acessível, contendo rampas para pessoas com deficiência. A pesquisa de Rosa (2025) discute a multisseriação nas classes nessa unidade escolar do campo: a Educação Infantil da pré-escola (G4 e G5) juntamente com o 1º ano do Ensino Fundamental I; o 2° ano com o 3° ano do Ensino Fundamental I; o 4° ano com o 5° ano também do Ensino Fundamental I.

Com base nessa contextualização, sublinha-se que o PET Escola se propôs a cumprir os ensinamentos formais previstos na legislação brasileira[1] sobre a educação ambiental, ao mesmo tempo em que valorizou os saberes ancestrais, populares e ecológicos representados pela rezadeira. A primeira edição do projeto ocorreu em 2024. Assim que o grupo Pet chegou à escola, iniciou-se um bate-papo com as crianças. Todos se apresentaram e falaram sobre seus contextos, cenários, culturas e saberes. Deve-se destacar que os membros do PET Educação e Sustentabilidade de Amargosa, Bahia, em sua maioria, também são provenientes do campo, de distintas regiões rurais do estado.

Após a agradável conversa entre crianças e estudantes universitários, um "petiano", graduando em Educação do Campo, iniciou um debate sobre Agroecologia e medidas para prevenção de enchentes e impactos das crises climáticas. Introduziu-se, portanto, um diálogo sobre reflorestamento das matas ciliares, preservação ambiental e recuperação de lagoas e nascentes. Em seguida, as crianças tiveram a possibilidade de construir maquetes de suas realidades, suas roças e matas, com

[1] Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. Art. 8º parágrafo 3º inciso II. O desenvolvimento de instrumentos e de metodologias com vistas a assegurar a efetividade das ações educadoras de prevenção, de mitigação e de adaptação relacionadas às mudanças do clima e aos desastres socioambientais, bem como ao estancamento da perda de biodiversidade. (Brasil, Lei 9.795. 1999)

referências aos conhecimentos adquiridos, representando o meio ambiente ideal com animais, árvores e o ser humano em harmonia com a natureza. Isso permitiu que colocassem em prática, a partir de um movimento de práxis, o que passaram horas ouvindo e escrevendo. A maquete construída pelos estudantes não é fim em si mesma, mas um artefato pedagógico que sintetiza a integração entre a ciência acadêmica e a sabedoria ancestral, operando como prática ecopedagógica.

Em momentos subsequentes, os estudantes tiveram a oportunidade de conversar com Dona Santa e falar sobre o cultivo, suas produções agroecológicas, a criação dos bichos e as expressões artísticas, com base no licuri e no samba de roda. As crianças prepararam uma exposição de pequenas esteiras feitas com base na palha do licuri para mostrar aos “petianos”, oferecendo uma delas de presente à universidade.

As edições do Pet Escola revelam a importância da construção de uma parceria sólida entre o poder público, a comunidade e as universidades, apontando para a necessidade de ampliação dessas experiências no que se referem à prática pedagógica. Por outro lado, observou-se também que encontros pontuais se oferecem como sementes plantadas, mas não dão conta de resolver todas as lacunas e desenvolver uma conscientização sólida sobre a sustentabilidade na perspectiva ancestral. Desse modo, no campo educacional, a reiteração é imprescindível para uma prática pedagógica transformadora. Assim é fundamental que essa prática pedagógica permaneça no calendário escolar, pois não se trata apenas de uma necessidade técnica e conteudista, mas significa uma abertura de espaços efetivos de diálogo entre epistemologias diversas, a fim de que essa temática relevante não caia no esquecimento.

Experiências educacionais práticas como essa permite retomar a necessidade de resgatar os valores tradicionais e originários que promovem a harmonia entre o ser humano e a natureza. Isso se torna crucial para desmistificar o que se denomina "o mito da sustentabilidade" que, muitas vezes, confunde a verdadeira relação entre humanos e meio ambiente.

Esta compreensão da educação ambiental e sustentabilidade é fundamental para refletir não apenas sobre como implementar práticas sustentáveis, mas também a necessidade de reconexão com a Terra. Desde a modernidade, o ser humano tem se distanciado progressivamente dessa relação vital, o que influencia significativamente sua compreensão acerca da sustentabilidade. Nessa perspectiva, Ailton Krenak, em sua obra "Ideias para Adiar o Fim do Mundo", apresenta o conceito de "mito da sustentabilidade". Segundo esse conceito, as grandes corporações promovem a ideia de que existe um binômio harmonioso entre o ser humano e a terra, o que pode ser questionado.

> [...] o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso —enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p.16).

O trecho do livro suscita uma reflexão profunda sobre a visão de mundo na contemporaneidade, uma vez que a sustentabilidade difundida é frequentemente apresentada como um mito. Isso conduz ao questionamento: como promover a conscientização ambiental de forma eficaz sem esse "*greenwashing*" discursivo? Este questionamento não é fácil de ser elucidado, mas na reconexão com o organismo que é a Terra, resgatando a ancestralidade e escutando as comunidades, dá-se um grande passo em direção à sustentabilidade ecológica. Nesse sentido, as práticas ecológicas baseadas nos saberes tradicionais são particularmente indicadas para repensar o mundo e suas práticas.

Por fim, sugere-se, portanto, que o Pet Escola é uma forte ferramenta para a conscientização da sustentabilidade, pois propõe discussão sobre a importância da educação ambiental, análise dos impactos socioambientais, contribuindo para o desenvolvimento crítico acerca do futuro ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo discute os agentes causadores das problemáticas socioambientais que atravessam a realidade de muitos estudantes da rede pública de ensino no campo, do campo e para o campo. É perceptível que a conscientização não ocorre de forma osmótica, requer que as múltiplas experiências estejam em entrelace com os conteúdos e informações para exercer plena função. Diante disso, as práticas pedagógicas, que promovem a conscientização ambiental e sustentável, são necessárias para que, além de combater os modelos insustentáveis, possam romper com o mito da sustentabilidade.

Portanto, compreende-se que o projeto Pet Escola é uma ferramenta necessária, pois, em um movimento de práxis, conecta os saberes acadêmicos e populares, com intuito de formar estudantes críticos que respeitem as tradições culturais e, em suas práticas cotidianas, tenham cuidado com o meio ambiente em uma relação harmoniosa. O desafio que se coloca é a ampliação e consolidação de iniciativas como esta, capazes de transformar a política educacional a partir de uma perspectiva verdadeiramente decolonial, contracolonial e sustentável.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Lei nº 9.795**, **de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm >. Acesso em: 20 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, **de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L11645.htm >. Acesso em: 18 set. 2025

CARVALHO, Gláucia Oliveira de. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma visão contemporânea. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 8, n. 1, p. 779–792, 2019.

SILVA, Lisiana Lawson Terra; FREITAS, André Luis Castro. Educação Ambiental, Ecofeminismo e Pesquisa-ação: análise de um processo pedagógico de conscientização. **Ambiente & Educação:** Revista de Educação Ambiental, v. 28, n. 1, p. 1-26, 2023.

DALLA LIBERA, Graciele; CALGARO, Cleide; ROCHA, Leonel Severo. A insustentável sustentabilidade do capitalismo. **Revista Direito e Justiça:** Reflexões Sociojurídicas, v. 20, n. 38, p. 137-155, 2020.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 789-792, 2021.

FLORES, Maurício Pedroso; DE ARAUJO, Luiz Ernani Bonesso; TYBUSCH, Jerônimo Siqueira. Sustentabilidade, Globalização Econômica e a Ascensão do Capitalismo Verde. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 8, p. 786-798, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade:** uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990).** São Paulo: Paulinas, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSA, Kelly Bittencourt Silva. **Educação do campo e turmas multisseriadas:** dos desafios aos sonhos possíveis de crianças camponesas. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, p. 443-466, 2005.